

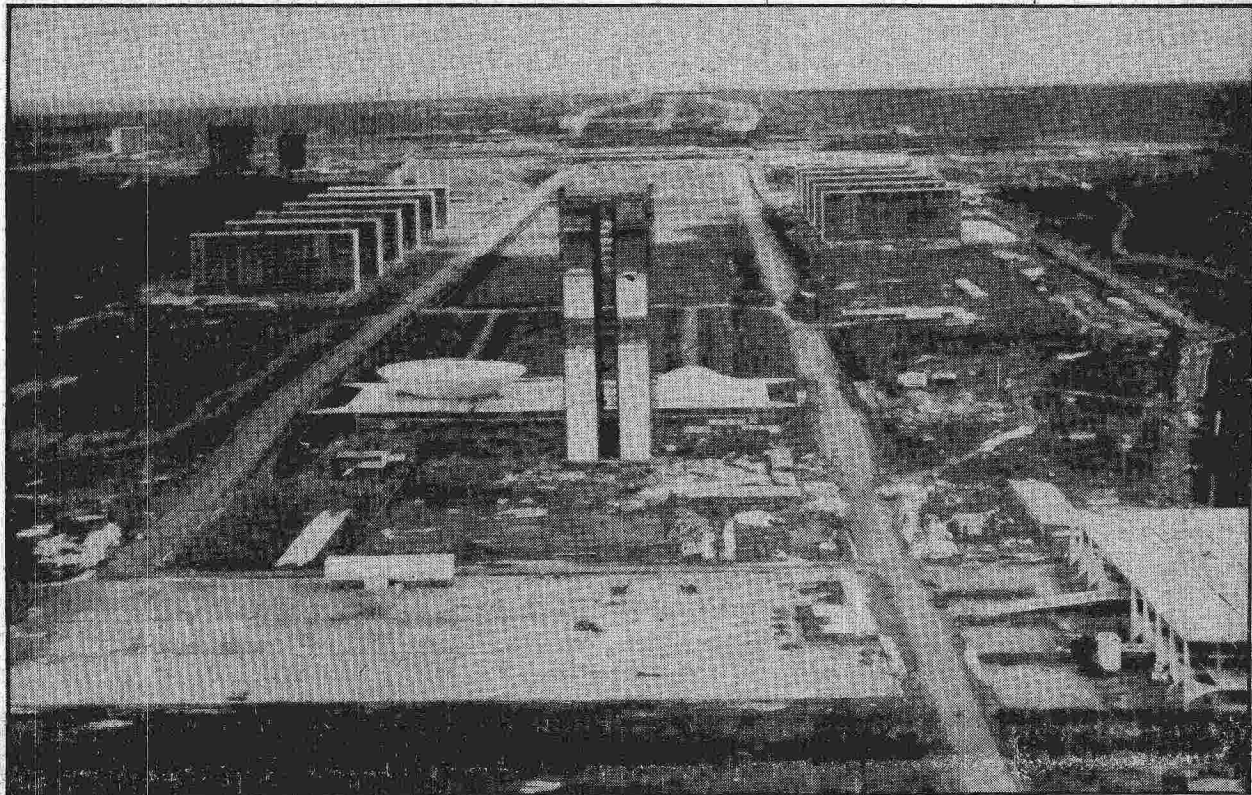
Brasília, memórias e visões de uma cidade em festa

O poeirão de barro vermelho deu lugar ao brilho da luz neon e aos reflexos dos vidros fumês. Da profecia de Dom Bosco à realidade do novo Congresso Nacional. De JK a JF. O deserto de ontem já é o intenso tráfego de hoje e poderá ser o interminável engarrafamento de amanhã. Foram necessários 23 anos para que Brasília se descobrisse. “Tenho memória, logo existo”, diria se fosse uma dama. Mas é uma Capital. Só de presidentes da República, o Palácio do Planalto, ex-Palácio dos Despachos, hospedou oito. Quantas crises? Quantas conspirações? Quantas inspirações? Muito obrigado Lúcio Costa. Muito obrigado Oscar Niemeyer. Muito obrigado Juscelino Kubitschek. Muito obrigado a todos que ergueram

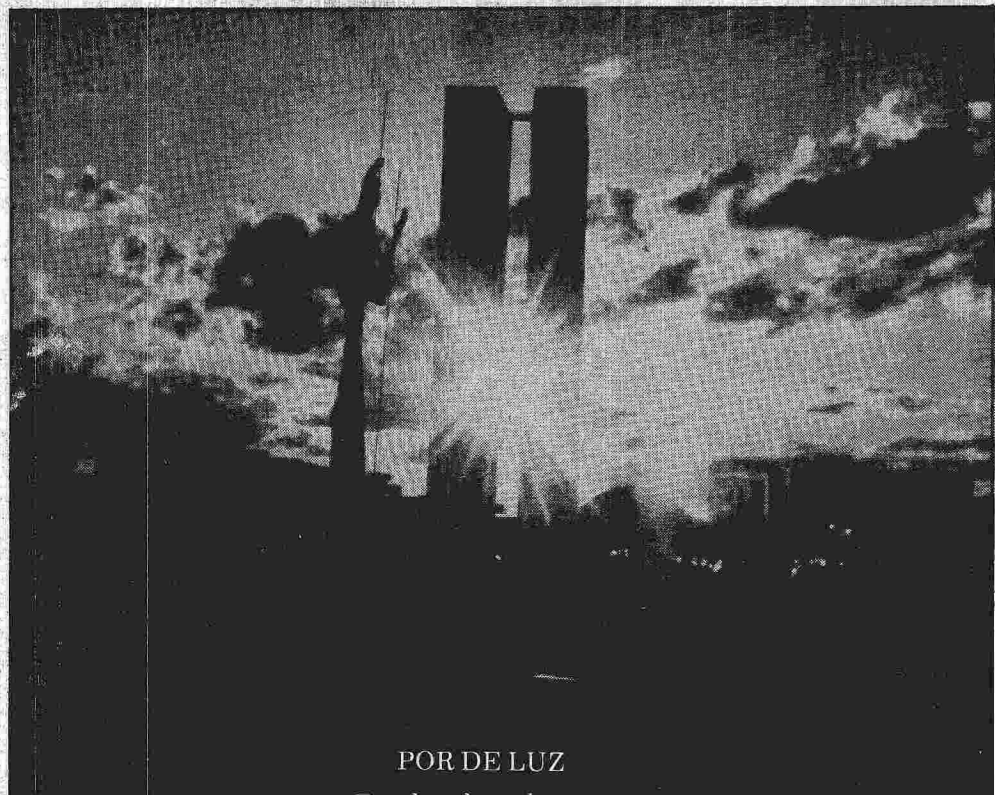
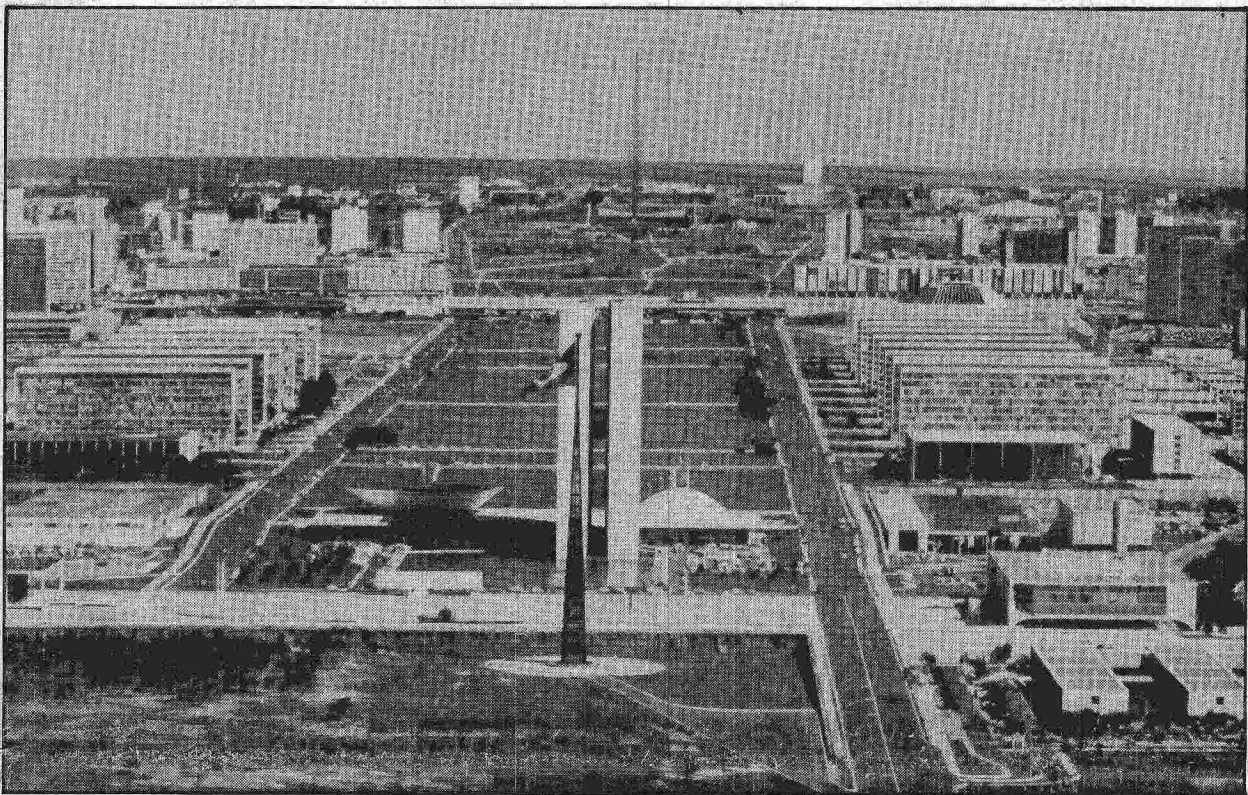
esta cidade e desculpem. Afinal, Brasília já tem esquina e não é mais a capital da esperança. Um dia, nós, os brasilienses, ainda ergueremos um monumento ao Candango Desconhecido.

Mas não há de ser nada. Brasília vive hoje um dia de puro prazer. Tem de tudo para todos os gostos. De orquestra sinfônica a disco-voador; de rock rasgado a trio elétrico candango; de corrida rústica a desfiles de cachorros vira-latas; de detetives em ação a ação da polícia. O parque será do povo como a antena é da TV. Nunca um aniversário foi tão festejado, com tanta consciência. Resta saber se a festa termina amanhã ou Brasília terá coração para pulsar com alegria, independência e personalidade. (Turiba)

Claudio Alves



Claudio Alves



Julio Fernandes

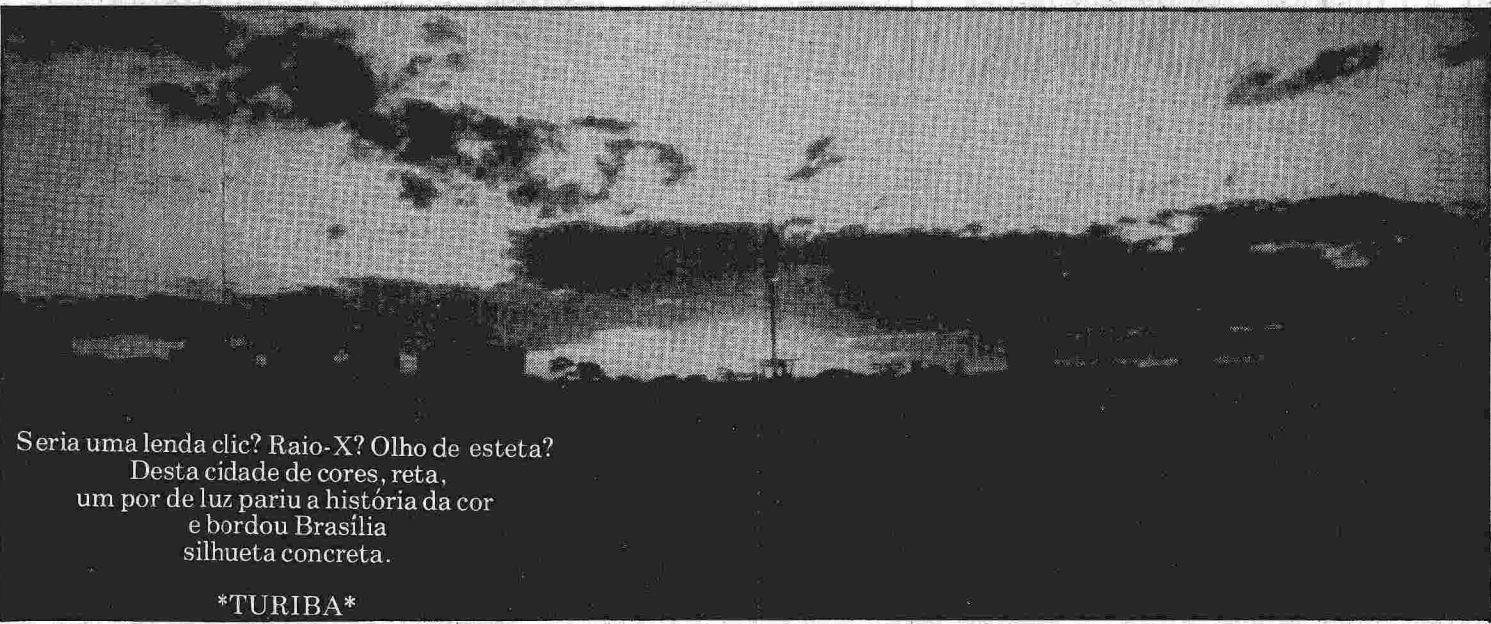


O por-certo, não o único.
O mutante galã galante
orienta a dialética das flores
dos amores e dos amantes.

POR DE LUZ

Por do sol cor de roxo
vermelhidão cor da rosa
rocha de fogo em fuga
silêncio — psiu — penumbra
desfaz-nos cá uma agrura:
— Que espelho refaz tua luz
de barrochão lá nas nuvens?
De pontual rotina, o sol
faz explosões e animações
em vidros visões vidraças.
Nunca igual — ar de sonhos.
Dos furtos da luz ao espaço
(que o leigo chama de noite)
dá-se a multiplicação das tintas.
Ou será truque barato
de Walt Disney, essa obra-prima?

Julio Fernandes

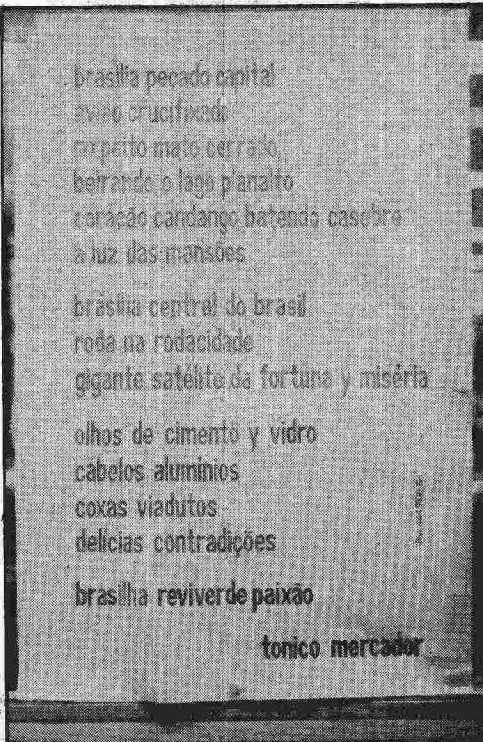


Seria uma linda clic? Raio-X? Olho de esteta?
Desta cidade de cores, reta,
um por de luz pariu a história da cor
e bordou Brasília
silhueta concreta.

TURIBA

De toda parte estão chegando pessoas para homenagear a cidade que hoje se enfeita e se faz ainda mais bonita. Tonico Mercador, poeta mineiro do Maranhão é uma delas. Trazendo às mãos o seu poema-cartaz, ele vem espalhar a emoção que a cidade provoca e, em versos muito suaves, fala da força deste lugar, das contradições que compõem a cidade e vão compor sua poesia. Emoção, que segundo Tonico, extrapola o racional e se faz na pele, no tato, “uma coisa de dentro”. Mas o poeta diz mais. Para ele a grandeza de Brasília está em sua mocidade, na menina que vimos crescer, de quem podemos ser tios; está no “desalinho” que foge ao previsto e vai nos surpreender; no projeto de seu idealizador Lúcio Costa, “que embora tenha fugido ao seu sentido comunitário, ainda está aí, como uma promessa”. Sobre o seu poema-cartaz, explica que é uma iniciativa para democratizar a poesia: — São cartazes impressos para serem colados nos muros, nos bares, nos pontos de ônibus. Nos lugares onde as pessoas passam, onde todos possam ler. Pois Brasília de alguma forma sugere isto, uma poesia no espaço, impresso em papel jornal, com a técnica de serigrafia, o cartaz de Tonico Mercador será colocado em diversos pontos da cidade, “como um presente a Brasília que aniversaria”. (Luciane Carvalho)

Roque Sá



Ruy, o escritor que teve seu livro impresso na Capital, o primeiro rodado pelos editores: Brasília Divulgadora de Imprensa